

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Solidão tanto quanto possível: anotações de um diário de viagem ao Brasil de Maria Graham

Marina Haizenreder Ertzogue¹

Resumo: Este texto trata da solidão na narrativa de Maria Graham, autora do *Diário de uma viagem ao Brasil durante os anos de 1821, 1822 e 1823*. A primeira visita da escritora inglesa ao Brasil foi em 1821, a bordo da fragata *Doris*, comandada pelo seu marido Thomas Graham, capitão da Marinha Real Inglesa. Após a morte do esposo, Maria Graham regressou, novamente, ao Brasil. Conviveu com a nobreza imperial, frequentou festas e jantares na Corte e também foi convidada para ser preceptora da princesa Maria da Glória, filha do Imperador D. Pedro e da Imperatriz D. Leopoldina. Na condição de viúva e estrangeira, ela não conseguiu superar a solidão. Este texto propõe uma releitura do *diário* de Maria Graham na perspectiva da sensibilidade da narradora.

Palavras-chave: Maria Graham, diário de viagem, sensibilidade

Abstract: This article is about the solitude in the writings of Mary Graham, author of *Diário de uma viagem ao Brasil durante os anos de 1821, 1822 e 1823*. (*Journal of a voyage to Brazil: and residence there during part of years: 1821, 1822, 1823*.) Her first visit to Brazil was in 1821, aboard the ship *Doris*, lead by her husband Thomas Graham, who was a captain in the British Royal Army. After her husband's death, Mary Graham returned to Brazil. She lived among the imperial aristocracy, attended parties and dinners in the Court. Also, she was invited to be the preceptor of the princess Maria da Glória, daughter of the Emperor D. Pedro and the Empress D. Leopoldina. Being a widow and a foreigner, she never managed to prevail over her loneliness. This text proposes a reading of Mary Graham's journal, in the perspective of the author's sensibility.

Key-words: Maria Graham, Journal of a voyage, sensibility.

A história das sensibilidades consiste na escrita de uma história a partir do ponto de vista de uma emoção em particular. Este texto trata da solidão na narrativa de Maria Graham, autora do *Diário de uma viagem ao Brasil durante os anos de 1821, 1822 e 1823* e do *Esboço biográfico de D. Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro no seu tempo*.

A solidão levanta diversas questões, como: do que as pessoas sentem falta? Quais são as suas expectativas? O que as faz considerarem-se incompletas em si mesmas? Sobre a solidão, poderíamos, ainda, discorrer a cerca do sentimento de quem não está na pátria.

¹ Doutora em História Social pela USP
Professora do Departamento de História da UFT

Antonio Paulo Rezende escreveu sobre esse sentimento: *se as solidões que vamos construindo na história têm representações que fogem até mesmo ao específico da linguagem é impossível se pensar a história sem o social, sem a existência do outro.*² A escrita da sensibilidade está expressa na literatura de viagens, até então, analisada apenas como expressão de fontes históricas.

O tema da solidão apareceu na escritura dos diários íntimos, gênero literário muito apreciado na era vitoriana, como demonstra Alice James, irmã inválida de William e Henry James, escreveu no seu diário, em maio de 1889: *Penso que, se puder adquirir o hábito de escrever um pouco sobre o que acontece – na verdade, o que não acontece –, perderei um pouco desse sentimento de solidão e desamparo que me acompanha.*³

Um diário é essencialmente uma narrativa na primeira pessoa, onde o autor busca uma cumplicidade com o leitor, na condição de protagonista da história. Em relação ao tempo, o diário se diferencia de outros gêneros literários pelo fato de não manter uma forma narrativa sob retrospectiva, como acontece com a memória, a biografia e a autobiografia. Ele se atém ao momento presente, registrando no dia-a-dia fatos e eventos.

Diferente do diário íntimo, que em sua maioria, tinha aspirações limitadas em relação à leitura. *É bom que esse diário se destine exclusivamente aos meus olhos,*⁴ escreveu em 1849 G. L. Reed, um fazendeiro da Pensilvânia, o diário de viagem continha em si um repositório de ambições mais abrangentes. Maria Graham escreveu na abertura de seu diário:

*Ainda que a idéia de uma eventual publicação não tenha sido estranha à redação desse diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada de muitos meses naquele país, muitas circunstâncias imprevistas forçaram ainda a autora a revê-lo antes de ser entregue ao prelo.*⁵

Temos um número relativamente pequeno de mulheres que deixaram uma escrita sobre si como redatoras de diários de viagens. Alguns exemplos mostram que muitas delas viajaram na companhia do esposo, como é o caso de Adèle Toussaint-Samson, autora de *Uma Parisiense no Brasil*, Elizabeth Cary Agassiz, co-autora do livro *Viagem ao Brasil. 1865-1866*, além da baronesa Langsdorff, autora de *Diário de sua viagem ao Brasil, 1842-1843*, e a própria Maria Graham que escreveu entre outras obras: *Diário de uma Viagem ao Brasil*.

² REZENDE, Antonio Paulo. *As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo*. ERTZOGUE, Marina & PARENTE, Temis Gomes. (orgs) História e sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 48-49.

³ The Diary of Alice James, ed Leon Edel, 1964, p. 25, apud. GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 364.

⁴ GAY, Peter. P. 360.

⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1990, p. 19. (Coleção reconquista do Brasil, 2 serie, v. 157).

No início do diário, Maria Graham demonstra uma preocupação com a narrativa histórica, tanto que ela escreveu um esboço sobre a história do Brasil: *para melhor compreensão dos acontecimentos políticos de que fui testemunha ocular*.⁶ A autora esclarece que, embora, o esboço histórico tivesse sido pesquisado na obra de Southey,⁷ ela, já havia lido quase todas as fontes impressas citadas por Southey, além de outras que ele não mencionou.

Maria Dundas nasceu em Papcastle, nas proximidades de Cockermouth, Inglaterra, em 19 de junho de 1785. Ela foi a mais velha de quatro filhos. Seu pai, George Dundas foi Vice-almirante e Comissário do almirantado britânico. Sua mãe era americana da Virginia, perdeu o pai no início da guerra de independência dos Estados Unidos, indo refugiar-se na Inglaterra.

Quando ainda criança, a pequena Maria Dundas sofreu sério acidente, em que queimou parte de seu coro cabeludo. Inadvertidamente, caíra de costas, com a cabeça no fogo. O hábito que veio a adquirir de cobrir a cabeça com um turbante ou chapéu esteve indubitavelmente ligado a esse acidente. Esta foi uma das características do seu estilo de vestir, como revelam todos os seus retratos.⁸

A jovem Maria recebeu educação moderna, filha de família de classe média, dedicou-se aos estudos da literatura européia, arte, desenho, filosofia e história natural. Aprendeu com o pai a interessar-se pelas rotas marítimas.

Embora fosse o pai uma figura distante, a memória desse homem do mar constituiu-se numa referência afetiva marcante na trajetória da viajante. Margareth Gonçalves de Almeida ao abordar a subjetividade na literatura de Maria Graham: identificou nesse universo da viagem que: *impregna a sua lembrança da figura paterna, a ausência-presença que a joga no movimento do deslocamento pelo espaço e tempo. Esse pai que adia o seu sempre distante retorno é lembrado no exemplo do eterno viajante da Antigüidade*.⁹ Transpondo, assim, a imagem do pai na figura mitológica de Ulisses. A figura paterna, homem do mar, estava distante. Maria permaneceu sem ver o pai por dez anos, entre os 8 e 18 anos.

⁶ Durante todo o século XIX, cronistas e viajantes europeus chegavam em grande número ao Brasil, favorecidos pelos progressos da Revolução Industrial. Na América Latina, os movimentos de Independência e a abertura dos portos ao comércio internacional despertaram ainda mais o interesse dos visitantes estrangeiros. Cf. GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990, p. 23. (Coleção reconquista do Brasil, 2ª série, v. 157).

⁷ Cf. Robert Southey. *History of Brazil*. London: Longman, Hurst, Rees, and Orne, 1810-19, 3 vols.

⁸ GOLÇALVES, Margareth de Almeida. *Subjetividade e viagem em Maria Graham*. ANAIS DO XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 16 a 22 de julho de 2005. Londrina: ANPUH / UEL, 2005, p. 05.

⁹ GOLÇALVES, Margareth de Almeida. Op., cit., p. 05.

Em 1808, com a idade de vinte e dois anos, ela realizou a sua primeira viagem para Índia na companhia de George Dundas. Em 1809, Maria Dundas casou-se com Thomas Graham, Capitão da Marinha de inglesa. Na companhia do marido, ela regressou ao continente indiano retornando para Inglaterra em 1811. Em 1819, residiram por um curto período de tempo na Itália.

A sua primeira viagem ao Brasil foi realizada em 1821, a bordo do navio-escola da Marinha de guerra inglesa, a fragata *Doris*, comandada pelo capitão Thomas Graham. O navio fez escalas em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro,

Em Recife, permaneceu de 21 de setembro a 14 de outubro, testemunhou as primeiras lutas constitucionais. A cidade estava sitiada pelas tropas nacionalistas contra o governador português Luiz do Rego. Maria Graham foi hospede do governador, que era casado com uma filha do Visconde do Rio-Seco, figura de destaque na Corte. Por intermédio da viscondessa, Maria Graham, teria oportunidade, no futuro, de aproximar-se da Imperatriz Leopoldina.¹⁰ A fragata *Doris* seguiu para a Bahia e depois para a capital do Império onde desembarcou, em 15 de dezembro de 1821. Presenciou em 1822, nas ruas da Corte, as manifestações contra as intenções da Coroa portuguesa que exigia a volta de D. Pedro a Portugal, manifestações estas que culminaram no *Dia do Fico*. Maria Graham ficou fascinada com a paisagem do Rio de Janeiro.

No dia 16 de janeiro de 1822, a fragata *Doris* partiu para a Bahia e retornou ao Rio de Janeiro, no dia 24 de janeiro do mesmo ano. Em 10 de março, encerra a sua primeira viagem ao Brasil. A fragata, comandada pelo marido de Maria Graham seguia em direção ao Chile. Em meados de abril, na altura do Cabo de Horn, Thomas Graham faleceu. No relato dessa viagem ela descreve o sofrimento da população doente, as tempestades a bordo e o seu desespero pela morte súbita do marido. *De minha parte, esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam as desgraças dessas horas desgraçadas.*¹¹

O sentimento de solidão de Maria Graham surgiu em seus primeiros escritos após a morte do marido, esta perda pode ser compreendida como um divisor de águas sobre o que teria sido a sua travessia para a América do Sul, ao lado do Capitão Thomas Graham e o futuro incerto de uma mulher só, em terras estrangeiras.

Na noite de 9 de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando

¹⁰ GARCIA, Rodolfo. *Maria Graham no Brasil. Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Ministério da Educação, v. 60, p.09, 1938.

¹¹ GRAHAM, Maria., op. Cit., p. 251.

*acordei foi para tomar consciência de que estava só e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes.*¹²

Maria Graham recolheu-se em Valparaíso e escreveu um diário sobre a sua viagem ao Chile. Durante a sua estadia naquele país foi acolhida pelo seu patrício, Lorde Cochrane, que estava a serviço naquele país.

Ela retornou pela segunda vez ao Brasil. Desembarcou no Rio de Janeiro, no dia 13 de março de 1823, na companhia do Lorde Cochrane. *Das Notícias Marítimas do Diário do Governo, no dia 15 de março de 1823, consta às entradas do dia 13 do corrente: Valparaíso, 60 dias, B. Ingl. Colonel, M. Bartholomew, equipagem 8, carga carne salgada de May e Lukin: passageiros: Lorde Cochrane com 6 criados, onze oficiais ingleses e espanhóis, e uma mulher. Essa mulher era Maria Graham.*¹³

Maria Graham voltou à capital do Império, na companhia do primo Glennie, oficial da Marinha inglesa, que estava gravemente enfermo. Na cidade do Rio de Janeiro ela permaneceu por algum tempo na residência de compatriotas ingleses. Hospedou-se na casa de Sir. Thomas Hardy. Depois mudou-se para uma residência no morro da Glória.

Maria Graham registrou em seu diário a convivência com a elite fluminense. Ela freqüentava as festas, os saraus e os eventos sociais das mais requintadas casas na Corte, porém, ela não comentava sobre a sua solidão e a sua viuvez, dizia apenas que, se encontrava debilitada e indisposta. Em uma ocasião, ela mencionou o uso do ópio para aliviar as dores e atender aos compromissos sociais.¹⁴

No dia 15 de março, Maria Graham desembarca na baía do Rio de Janeiro, foi com certo ressentimento que notou a indiferença da tripulação quando se despediu durante o desembarque, acompanhada apenas do primo Glennie, cujo estado de saúde ainda inspirava cuidados. *Estou de novo sem ninguém a quem me arrimar, e sozinha no mundo, com minha carga de melancolia; eles têm diante de si negócios e o prazer.*¹⁵

A viajante passou a residir em uma casa de campo na Glória, próximo da residência do compatriota, Sr, May, e não muito distante da casa que o governo cedeu ao Lorde Cochrane, que estava a serviço da coroa imperial para combater os revoltosos na Bahia.

Com o restabelecimento de Gennie, Maria Graham estava novamente sozinha, o primo resolve embarcar no navio imperial *Beaver* e seguir para Bahia.

¹² GRAHAM, Maria., op. Cit., p. 252.

¹³ GARCIA, Rodolfo. Maria Graham no Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Ministério da Educação, v. 60, p.09, 1938.

¹⁴ GRAHAM, Maria., op. Cit., p. 300.

¹⁵ GRAHAM, Maria., op. Cit., p. 265.

Sobre a convivência com a aristocracia fluminense nos eventos promovidos pela alta sociedade da Corte, ela relata o hábito inglês da cerimônia do chá na casa de campo da baronesa de Campos, em Botafogo.

*Logo após se haverem reunido todos, as senhoras sentadas juntas em círculo cerimonioso e os homens de pé, geralmente em outras peças, começou a cerimônia de tomar chá, e foi dirigida mais lindamente do que na Inglaterra; os criados serviam em torno chá, café e bolos em grandes salvas de prata.*¹⁶

O chá era servido em uma grande urna de prata, ou em bules, também de prata, acompanhado pelas jarras de leite, era usual também as baixelas de porcelana chinesa. Para as senhoras que estavam sentadas em círculo, em torno de uma grande mesa, havia uma infinidade de pães, bolos, torradas com manteiga e roscas, além de doces e confeitos.

Foi através da alta sociedade fluminense e dos conhecimentos travados na Corte que Maria Graham estabeleceu laços de aproximação com a família real. A primeira correspondência da viajante inglesa, endereçada à princesa Leopoldina, data de 12 de abril de 1823, foi uma carta onde ela redigiu uma pequena apresentação pessoal, na qual declara-se viúva do capitão de carreira da armada britânica, e dos antepassados, uma família tradicional da escócia, descendentes dos duques de Monthoses e dos condes de Mansfield e Hopetaown.

E na escrita de si, finaliza esclarecendo o propósito daquela correspondência: colocar-se sobre a proteção pessoal da Augusta Imperatriz.

*Quanto a mim, embarquei com meu marido em busca do Pacífico na fragata Doris, que ele tinha a honra de comandar. Tive a infelicidade de ficar viúva e sou hoje uma estrangeira no Brasil, onde espero passar alguns meses antes de voltar a Europa. É, pois como estrangeira e como viúva que quereria colocar-me especialmente sobre a proteção de sua Augusta e Amável Imperatriz. Tenho a honra de ser sua humilde e obediente criada.*¹⁷

Nesta carta, Maria Graham expressa o sentimento daqueles que não estão na pátria, além da condição de viúva, em terra estrangeira, sentia-se só, recorreu, por isso, à proteção da sua alteza imperial. Nos dias subseqüentes, ela queixou-se de indisposição e mal estar. Até mesmo o atraso da correspondência era motivo para alterar seu estado emocional.

¹⁶ GRAHAM, Maria,. Op. Cit., p. 270.

¹⁷ Carta de Maria Graham dirigida provavelmente a um emissário da Corte justificando a Imperatriz Dona Leopoldina os motivos de ainda não haver sido apresentada formalmente á soberana, endereçada provavelmente para um intermediário na Corte. Carta publicada no Diário de uma Viagem ao Brasil, p. 294.

A ausência do primo, único parente próximo; a morte do marido e ainda, o sentimento de não estar na sua pátria, e, por fim, o desabafo no diário: *Logo que cheguei aqui, em março, ou antes, logo que meu parente Glennie me deixou, senti que, na qualidade de estrangeira, e na posição em que me encontro, estava extremamente desamparada.*¹⁸

Diante dessa situação, Maria Graham buscou apoio em José Bonifácio, ministro no Império, para que ele intercedesse junto à Imperatriz Leopoldina com a finalidade de colocar-se sob a proteção da soberana, enquanto ela permanecesse no Brasil.

Aconselhada por amigos, para mudar de ares, ela transferiu-se para uma casa na praia do Botafogo. Maria Graham segue na Corte sem maiores perspectivas, conforme ela relata em seu diário, na data de 1º de julho.

*Não há novidades políticas, estou doente demais para me preocupar com quaisquer outra notícia. Estrangeira, só, e muito doente; tenho bastante lazer para ver o valor do mundo para os ricos, ou que o pareçam, a exibição e a parada; e sentir que se eu dispusesse de todos os recursos não poderia relevar a cabeça nem o coração dos que estão doentes ou tristes.*¹⁹

Com o tempo livre, Maria Graham dividia-se entre passeios a cavalo, pagamento de visitas e as leituras na Biblioteca Pública. Ali ela tinha a sua disposição um gabinete de estudos, além de pena e papel para suas anotações.

Por recomendação da viscondessa de Rio Seco e da Lady Cochrane, Maria Graham foi indicada para ocupar o cargo de preceptora da princesa Maria da Gloria, filha da Imperatriz Leopoldina, que na época contava com cinco anos de idade.

Diante desse fato, Maria Graham encontrou uma nova motivação para estar no Brasil. Assumiria o cargo de governanta da alteza, mas, com uma condição: regressar à Europa a fim de preparar-se para cuidar da educação da princesa. No dia 19 de outubro de 1823, Maria Graham inicia sua viagem de volta para Inglaterra.

Encerrou seu diário de viagem com essas palavras: *Porei fim aqui minha à narração. Se ela está bem, e como convêm à História, isto também, é o que eu desejo; mas se, pelo contrário, é menos digna do assunto, deve-se-me perdoar.*²⁰

¹⁸ GRAHAM, Maria,. Op. Cit., p. 300.

¹⁹ GRAHAM, Maria,. Op. Cit., p. 309.

²⁰ GRAHAM, Maria,. Op. Cit., p. 386.